

ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI: MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIVÊNCIAS NA ESCOLA

Regina Fernandes Monteiro
herhir@ibest.com.br

Resumo: Este estudo objetiva desvelar a memória de escola de adolescentes em conflito com a Lei, que cumprem medidas Socioeducativa na Fundação da Criança e do Adolescente do Pará. A intenção foi traçar, por meio de seus enunciados discursivos, suas incursões no ambiente educacional e identificar o que os fizeram abandonar a escola de forma precoce e/ou apresentar um alto índice de evasão e repetência. Nesta perspectiva, o objetivo é não perder de vista os desafios que emergem dessa discussão para o trabalho pedagógico escolar e para os movimentos e organizações populares, pois a escola ainda apresenta-se inadequada para crianças pobres, como demonstra a evasão contida nesta pesquisa (94,4% dos entrevistados). O grande desafio é discutir formas para superar o distanciamento entre o discurso oficial e as práticas cotidianas. A amostra contou com a participação de 18 adolescentes entre de 12 a 17 anos de idade. O *corpus* foi analisado por meio dos eixos-temáticos: Escola; Família; Violência e Criminalidade; Relações Interpessoais e Perspectivas Futuras. O referencial teórico segue a concepção de Bakhtin sobre a rede de significados.

Palavras-chave: Adolescentes. Autores de atos infracionais. Rede de significados. Abandono escolar.

Abstract: This study aims to unveil the memory of school adolescents in conflict with the law, Socio-measures that meet the Foundation for Children and Adolescents Pará The intention was to make statements through their discourse, their forays into the educational environment and identify what did leave school at an early stage and / or presented a high rate of dropout and repetition. In this perspective, the goal is not to lose sight of the challenges that emerge from this discussion for the pedagogical work and school for the popular movements and organizations, because the school has yet to be inadequate for poor children, as demonstrated in this study contained evasion (94 4% of respondents). The big challenge is to discuss ways to overcome the gap between official discourse and everyday practices. The sample included the participation of 18 adolescents aged 12 to 17 years old. The corpus was analyzed by means of axis-theme: School, the Family, Violence and Crime, Interpersonal Relations and Future Prospects. The theoretical framework follows the concept of Bakhtin on the network of meanings.

Keywords: Adolescents. Offending. Network meanings. Dropout.

DESCREVENDO O PERCURSO... COMO TUDO COMEÇOU...

Nesta pesquisa intitulada “Adolescentes em conflito com a lei: memórias e trajetórias de vivências na escola” têm-se a intenção de articular cinco eixos corporificados no *corpus* deste estudo: Escola; Família; Violência e Criminalidade; Relações Interpessoais e Perspectivas Futuras relacionados a adolescentes que cumprem Medida Socioeducativa de Internação nos Espaços da Fundação da Criança e do Adolescente do Pará/FUNCAP.

Foi trabalhando num contexto repleto de exclusão e fracasso que me instigou a buscar respostas que pudessem nos fazer analisar e refletir de que forma poderíamos contribuir nas análises das práticas escolares de muitos dos adolescentes que ali cumprem Medida Socioeducativa de Privação de Liberdade e que apresentam um quadro de evasão e repetências em seus currículos escolares.

Quem conhece de perto as Unidades de Internação mais problemáticas da FUNCAP, (e falo como partícipe deste processo), dificilmente poderá negar que a juventude caminha para formas cada vez mais bárbaras¹ no cometimento de atos infracionais, em que as Unidades de Internação, crescentemente lotadas (e de certa forma, sem estruturas para atender estes adolescentes), torna o caráter das Medidas Socioeducativas, em muitos casos, sem um efetivo alcance de seus objetivos, como refere Volpi (2006, p. 29):

A superlotação das unidades; a inexistência de proposta educativa; o excessivo rigor da justiça na imputação de penas privativas da liberdade e a inexistência de uma Política Estadual de Aplicação das Medidas Sócio-Educativas são os motivos que aparecem em situações de instabilidade.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/BRASIL, 1990), criado com a finalidade de se tornar o marco constitucional de formulação de direitos e práticas de afirmação da cidadania para as crianças e adolescentes do país, ainda não conseguiu se constituir como um fio condutor para os Estados, no sentido de formularem políticas e programas preventivos na proteção à vida, como refere Bazílio e Kramer (2006).

Seja por ignorância do texto legal por parte da população ou autoridades, seja por descaso, o ECA consegue ser ao mesmo tempo desconhecido e criticado. Em seu nome são cometidos diversas arbitrariedades; demagogos encontram solo fértil para afirmar que a lei é demasiadamente liberal ao propor direitos, não definindo 'responsabilidades' ou 'punições', o que é um equívoco, conforme se pode ver nos artigos relativos à medida socioeducativa (BAZÍLIO e KRAMER, 2006, p. 40).

Neste contexto, espero colaborar na discussão e análise, referente a estes sujeitos, que possam nos ajudar a superar algumas "interpretações equivocadas"² em relação a estes adolescentes, pois muitas dessas 'interpretações' são fontes ricas de aprendizado e deveriam se analisadas, questionadas e estudadas dentro dos espaços educacionais.

1 SITUANDO O PROBLEMA

Dentro das MSE's de Internação, deparamo-nos com adolescentes tanto do sexo masculino, quanto feminino (cada gênero em suas respectivas unidades), autores de atos infracionais, com idade

entre 12 a 18 anos incompletos (salvo os que estão cumprindo medida e completam a maior idade dentro dos espaços da FUNCAP. Ao completarem 21 anos, são desligados automaticamente do processo), oriundos de um sistema educacional, que de certa maneira, não conseguiu fazer com que estes sujeitos permanecessem no ambiente escolar, demonstrando defasagens idades-série e um quadro de evasão e repetência em seus currículos escolares, apresentando em alguns casos, a não valorização da escolarização para sua vida, banalizando muitas vezes o seu ato e desvalorizando a sua própria vida e a vida das outras pessoas.

As Questões Norteadoras

Nesta perspectivas, surgiram os seguintes questionamentos:

- Que fatores contribuíram para que estes adolescentes abandonassem o ambiente educacional de forma precoce?
- Até que ponto a escola e a exclusão social foram fatores relevantes para o envolvimento destes adolescentes com a violência e a criminalidade?
- Qual o comprometimento da escola na formação dos adolescentes em conflito com a Lei, levando em consideração o papel da escola na formação do sujeito?

Objetivos do Estudo

A partir dos questionamentos levantados, o objetivo central deste estudo é identificar os motivos que levaram os adolescentes, que cumprem MSE de Internação na Fundação da Criança e do Adolescente do Pará, a abandonarem o ambiente educacional de forma precoce e/ou apresentarem um alto índice de repetência em seus currículos escolares. E nesta linha de investigação pretendemos:

- Identificar que fatores contribuíram para que estes adolescentes abandonassem o ambiente educacional de forma precoce.
- Caracterizar os conflitos que permearam a relação Escola/adolescentes e que foram relevantes para o envolvimento destes com a violência e a criminalidade;
- Discutir qual o comprometimento da escola na formação dos adolescentes em conflito com a Lei, levando em consideração o papel da escola na formação do sujeito.

Nesta perspectiva, o objetivo é o de encontrar correspondência com os princípios e critérios que puderem contribuir para a fundamentação desta análise, favorecendo a interação entre as diferentes formas de produção de conhecimento, e assim, “[...] convidando a pensar-se a si mesmo na complexidade” (MORIM, 1986).

Encaminhamento Teórico Metodológico de Coleta e Análise dos Dados

Nesta pesquisa, busquei os referenciais teóricos da Matriz Sócio-histórica em educação. Poderíamos começar por dizer que esta matriz influenciou em algumas das abordagens de Mikhail Bakhtin e Vygotsky. Para estes autores, o sujeito não é um gênio todo-poderoso, mas também não é completamente apagado pela estrutura (história, ideologia, língua) ou pela forma. Há algo nesse espaço: o enunciado, o gênero discursivo, a escrita, o diálogo.

Assim, a aproximação entre Bakhtin e Vygotsky é a questão da linguagem. Para ambos, a linguagem não é somente uma forma de comunicação, ela está para além deste conceito, pois é por meio da linguagem que o homem busca o conhecimento para o crescimento de sua consciência. Segundo Freitas (1994, p. 59), ao abordar a sua intenção de verificar como a teoria sócio-histórica entrou no Brasil, como ocorreu sua apropriação e quais são suas possibilidades futuras, refere que,

[...] o processo de apropriação das abordagens de Vygotsky e Bakhtin desencadeia uma série de novas indagações que resultam da própria compreensão das teorias, e que se constituem em novos pontos de partidas para novos estudos, promovendo assim a expansão do conhecimento.

A teoria bakhtiniana tem chamado muito a atenção dos educadores e transformou-se nos últimos anos numa referência constante quando se fala em Linguagem e interação humana. Assim, tomou-se a decisão metodológica de se adotar métodos e técnicas da Rede de Significados em Bakhtin, por entender que ela apresenta correspondência com que a pesquisa se propõe. Na perspectiva de Bakhtin (1992), ao se analisar um discurso, é necessário analisar o momento em que ele foi produzido, a entonação que o mesmo apresenta, pois, para o autor, todo discurso é tecido ideologicamente.

O objetivo, no que tange à discussão das Redes de Significações que giram em torno destes adolescentes (autores de atos infracionais), é o de fazer uma análise discursiva das relações que se estabeleceram entre estes e o ambiente educacional por eles abandonado, ou do porquê do elevado índice de repetência e evasão escolar.

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, por ser caracterizada pela formulação da maioria das perguntas previstas com antecedência e sua localização ser provisoriamente determinada (BECKER, 1994). Neste tipo de entrevista, o entrevistador tem uma participação ativa. Apesar de observar um roteiro, ele pode fazer perguntas adicionais para esclarecer questões e compreender melhor o contexto.

Caracterização dos adolescentes em conflito com a Lei

Participaram das entrevistas 18 adolescentes que cumpriam Medidas Socioeducativas na Unidade de Internação de Val-de-Cães no mês de setembro de 2009. Todos concordaram em participar da pesquisa. Foi solicitado a eles que se identificassem com um nome fictício para salvaguardar as suas identidades, de acordo com o Artigo 17 do Capítulo II do ECA (BRASIL, 2005). Assim obtivemos os seguintes codinomes, relacionados aqui na ordem das entrevistas:

Tabela 1: Caracterização dos Adolescentes que Cumpriam Medidas Socioeducativas de Internação na Unidade de Val-de-Cães-FUNCAP no mês de setembro de 2009.

SUJEITO	DATA DE ENTRADA NA UNIDADE	IDADE	PROCE-DÊNCIA	SÉRIE/ ETAPA	TEMPO FORA DA ESCOLA	ATO INFRACIONAL
BARROS	25/07/09	16	CAPITAL	3ª SÉRIE	03 ANOS	157/147 § I e II.
JUNIOR	12/01/09	17	TUCURUÍ	6ª SÉRIE	02 ANOS	121 c/c ART.14
NIEL	02/07/09	17	CAPITAL	4ª ETAPA	01 ANO	157/121 § I e II + MBA
SERRA	08/07/09	17	CAPITAL	3ª SÉRIE	03 ANOS	157 § I e II + MBA
BABY	09/03/09	13	SALINAS	1ª SÉRIE	06 MESES	155 § 4º
CAMILO	24/06/09	17	CAPITAL	2ª SÉRIE	04 MESES	157/213
NASCIMENTO	23/05/09	16	CAPITAL	3ª SÉRIE	03 ANOS	ART. 14
ARI	22/08/09	12	SALINAS	2ª SÉRIE	Estudando	155 § 4º, VI
OLIVEIRA	27/04/09	14	MOSQUEIRO	4ª SÉRIE	02 MESES	157 § 2º I e II.
TRUFINHA	15/01/09	17	CAPITAL	4ª SÉRIE	05 ANOS	155/157 § I e II + MBA
ALMEIDA	17/02/09	16	MOCAJUBA	6ª SÉRIE	02 ANOS	157 § 2º, I e II.
BABY 2º	14/04/09	16	CAPITAL	3ª SÉRIE	02 ANOS	157 § 2º, I e II
CABRAL	27/03/09	17	CAPITAL	5ª SÉRIE	02 MESES	121 c/c/ 14
CIDRAK	22/11/08	16	MOSQUEIRO	8ª SÉRIE	01 ANO	157/147 + MBA
MOICANO	03/04/09	14	CAPITAL	4ª SÉRIE	01 ANO	121 c/c/ 14
PROGENIO	07/01/09	17	GURUPÁ	2ª ETAPA	01 ANO	157/213
LOPES	17/04/09	17	CAPITAL	4ª SÉRIE	02 ANOS	157 § 2º, I e II
SHURECK	15/03/09	14	CAPITAL	2ª SÉRIE	04 ANOS	155/157 § 2º

Fonte: Prontuários dos adolescentes entrevistados.

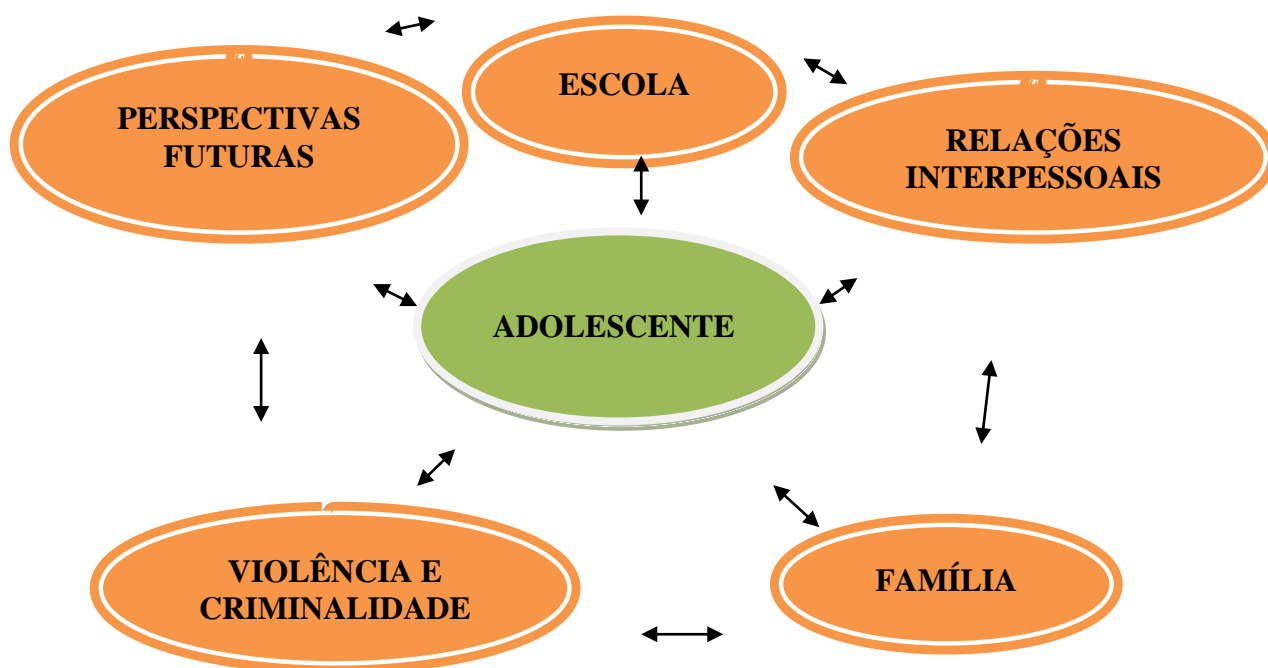
Todos estes dados, sem dúvida, nos ajudaram a esclarecer muitas das características apresentadas por estes sujeitos e que permearam suas práticas escolares, reconhecendo, nos rastros

das discussões que serão propostas, a sua relação com a visão de mundo e das construções de vidas destes adolescentes.

Organização do *Corpus* da Pesquisa

Para organização do *corpus* para análise, optei por fazer pequenos fragmentos dos enunciados discursivos dos sujeitos participantes da pesquisa. Para facilitar a compreensão do material, estes enunciados foram organizados em cinco eixos-temáticos, analisados e apresentados, com informações sobre as causas e consequências do abandono destes sujeitos ao ambiente educacional. Assim, foi realizada uma análise do índice de evasão e repetência que se apresentou em suas trajetórias escolares.

Gráfico 1: Rede de Significados: eixos apresentados no corpus de análise:



Os discursos foram organizados a partir dos cinco eixos apresentados, sem edições de suas falas, ou seja, optou-se pela transcrição de suas narrativas sem cortes, nem correções gramaticais. Procurou-se, assim, dar uma ordenação às falas significativas pelos sujeitos, para melhor análise e interpretação.

Optei por utilizar códigos linguísticos nas transcrições das entrevistas, para que esteticamente pudéssemos visualizar as falas dos adolescentes sem muitas repetições de palavras e/ou gestos.

Tabela 2- Códigos linguísticos utilizados nas transcrições das entrevistas

CÓDIGOS	SIGNIFICADOS
[+ - +]	Sobreposição de Falas
(::)	Falas Incompreensíveis
(...)	Pausa/Silêncio
(+)	Repetição de Palavras
(==)	Suspensão da Fala
(☺)	Risos
(☹)	Tristeza
(⊖)	Exasperado
{-}	Alongamento da Fala
[::]	Reticente

Espero tecer comentários que possam mostrar de fato todos os diálogos que foram travados, com análises pertinentes a cada fala apresentada, buscando traçar, por meio das memórias narradas, os reais sentidos e significados das práticas escolares dos adolescentes que estão em conflito com a Lei e quais as causas de seu abandono ao ambiente educacional de forma precoce.

2 MEMÓRIAS DE ESCOLA: O QUE DIZEM OS ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI SOBRE SUAS VIVÊNCIAS ESCOLARES

Nesta Seção trato especificamente das análises das entrevistas realizadas juntos aos adolescentes que cumprem Medida Socioeducativa de Internação na Unidade de Val-de-Cães-FUNCAP. Alguns teóricos, como Mikhail Bakhtin, subsidiaram estas análises à luz da Rede de Significados para que pudesse apresentar uma interpretação do *corpus* mais próxima da realidade destes sujeitos, sobretudo de suas memórias de escola.

2.1 Eixos destacados do *corpus* de análise

2.1.1 O adolescente e a escola

Do corpus coletado e organizado na pesquisa, procurei destacar a percepção dos adolescentes que cumprem Medida Socioeducativa de Internação na Unidade de Val-de-Cães/FUNCAP, quanto a sua relação com a escola.

Becker (1994, p. 33 – grifos meus) assinala que no Brasil “de cada grupo de cem crianças matriculadas nos dois primeiros anos escolares, sessenta não passam de ano ou deixam a escola, apenas dezessete concluem o primeiro grau e somente uma chega ao ensino médio”. Assim, os dados

revelam uma realidade bastante preocupante e que atinge desde o nível micro (a escola) até o nível macro (o Estado e o País).

Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (2008):

O principal motivo que leva o jovem brasileiro a deixar os estudos é a falta de interesse. A constatação é da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro que realizou uma pesquisa sobre as causas da evasão escolar no Brasil em 2008 e divulgou os dados qualitativos da pesquisa. O levantamento mostra que cerca de 40% dos jovens de 15 a 17 anos que evadem das unidades de ensino deixam de estudar simplesmente porque acreditam que a escola é desinteressante. A necessidade de trabalhar é apontada como o segundo motivo da evasão, com 27% das respostas, e a dificuldade de acesso à escola aparece com 10,9%.³

Esse desinteresse pela escola e a dificuldade de acesso a ela foi apontado, também, como motivo para o seu abandono, nos enunciados discursivos de alguns adolescentes entrevistados na pesquisa que ora apresento, como nos enunciados de Trufinha e Baby (Segundo), sendo que eles referiram nos turnos 03 e 07, que além da falta de interesse, achavam a escola “chata” demais para continuarem estudando.

01) *E por que você não estava estudando?*

R: Porque eu não queria, eu não gostava de estudar, nunca gostei de estudar (☺).

02) *Por que você não gosta de estudar?*

R: Não se dou bem não na escola, eu (☺).

03) *Por que você não se dar bem na escola?*

R: É muito chato estudar, muito por fora.

04) *Muito por fora? Como assim?*

R: Todo dia tê que se alevantá de manhã, tê que ir pra escola, tê que escrever...(= =).

05) *Você lembra o ano, o último ano que você estudou?*

R: Lá pra 2004..., foi..., 2004.

(Adolescente Trufinha/17 anos/Val-de-Cães/FUNCAP-Setembro de 2009)

06) *Você estudou no ano passado, em 2008?*

R: Não.

07) *Por que você não estava estudando, por que você abandonou a escola?*

R: Por que não me deu mais vontade de estudar. As vez estudar é muito chato.

08) *E por que?*

R: Porque...(= =), porque sim!

Adolescente Baby (Segundo)/16 anos/Val-de-Cães/FUNCAP-Setembro de 2009)

Bossa (2002, p. 72) refere “que o insucesso escolar decide a direção do futuro da criança, em uma fase muito precoce da vida, quando ainda não é possível imaginar as consequências das renúncias impostas pela trama que resulta no sintoma escolar”.

Os estudos do IBGE na Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar/2009 fez perguntas sobre a vida escolar de adolescentes, na faixa etária entre 13 a 15 anos, que estão cursando o 9º ano, ou seja, o último ano do ensino fundamental, e chegaram às seguintes conclusões:

A Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (Pense) estimou em 618.555 o número de escolares do 9º ano do ensino fundamental frequentando a escola nas capitais brasileiras e Distrito Federal. Desse total, 293.596 (47,5%) são do sexo masculino e 324.958 (52,5%), do sexo feminino. Quase 80% dos alunos (489.865) estudavam em escolas públicas, enquanto 20,8% (128.690) frequentavam escolas privadas. Os menores percentuais de alunos de escolas públicas foram verificados em Vitória (61,9%), Natal (62,2%), Aracaju (66,2%) e Teresina (66,5%). A amostra incluiu 60.973 alunos do 9º ano do ensino fundamental, em 1.453 escolas públicas e privadas, de todas as capitais e do Distrito Federal (DF).

Dos 618,5 mil estudantes de escolas particulares e públicas, que frequentam o 9º ano do ensino fundamental, nas capitais e no Distrito Federal - a maioria está na faixa de 13 a 15 anos. Dos estudantes pesquisados, 24,2% já experimentaram o cigarro alguma vez na vida e 6,3% o consumiram alguma vez nos 30 dias anteriores à pesquisa. O consumo de bebida alcoólica era mais disseminado do que o fumo: 71,4% já haviam experimentado álcool alguma vez, sendo que 27,3% disseram ter consumido no mês anterior à pesquisa. Quase 20% declararam ter obtido a bebida em supermercados ou bares e 12,6 % deles na própria casa. Já haviam se embriagado 22,1% dos escolares. A Pense verificou, ainda, que 8,7% dos estudantes já usaram alguma droga ilícita. [...] Nos 30 dias anteriores à pesquisa, 12,9% dos estudantes se envolveram em alguma briga com agressão física, chegando a 17,5% entre os meninos e 8,9% entre as meninas, inclusive com o uso de armas brancas (6,1% dos estudantes) ou arma de fogo, declarado por 4% deles. Viviam na companhia do pai e da mãe 58,3% dos estudantes, sendo que 31,9% moravam apenas com a mãe, 4,6% somente com o pai e 5,2% sem a presença da mãe e nem do pai. Quase 10% dos alunos declararam ter sofrido agressão por algum adulto da família⁴.

Este estudo feito pelo IBGE em 2009 só vem confirmar aquilo que muitos autores já pesquisaram quanto ao abandono escolar (AQUINO, 1997; ARROYO, 1997; BOSSA, 2002; CORTELLA, 2005). Tudo isso, obviamente, empresta grande relevância a toda investigação que intenta refletir a respeito dessas questões e investigar as perspectivas de a escola desempenhar sua função e as dimensões que pode assumir esse desempenho.

9) *Em que ano você parou?(de estudar)*

R: Eu parei em 2007, 2008.

10) *Em 2007 você não estava mais estudando?*

R: Em 2007 eu parei, aí em 2008 comecei e parei de novo.

11) *Qual o motivo de você ter estado estudando em 2007 parou, depois foi pra 2008 se matriculou e parou? Qual o motivo de você abandonar a escola?*

R: Em 2007 foi por falta de interesse mesmo, aí em 2008, parei porque eu fui trabalhar e quando eu voltei não dava mais tempo, já tava atrasado, passei das férias um mês, um mês e pouco, aí atrasou meus estudos.

(Adolescente Junior/17, anos/Val-de-Cães/FUNCAP-Setembro de 2009)

Na análise de pesquisadores como Barros, (2007); Aquino, (1997); Arroyo, (1997); Charlot, (2000), entre outros, o combate a evasão escolar deve estar associado a uma série de políticas públicas, não só no âmbito educacional, mas também na questão da geração de renda.

Quanto ao abandono da escola para que possam trabalhar como enunciados por Junior, no turno 11, refere Faleiros (2008 *apud* EMAÚS/CEDECA/UFPA, 2009, p. 121):

A criança não é responsável por manter o adulto ou a família, daí a importância do combate ao trabalho de meninos e meninas. O programa de erradicação do trabalho infantil, que envolve Estado e sociedade, contribui para isso [...]. apesar dos avanços, ainda faltam garantias orçamentárias permanentes, qualidade da educação, acesso e qualidade na saúde, infra-estrutura para os Conselhos de Direitos e Tutelares, projetos eficazes e pessoal capacitado nas Unidades de Internação de Infratores, prevenção da violência. Junto a isso, falta a articulação de Redes Territoriais de proteção para efetivar as políticas preconizadas pelo ECA.

Na esfera nacional, conforme a Constituição Federal (Brasil, 1988) - Artigos 5º, 205, 206, 208 e 227 - e o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) - Art. 60 (alterado pela Emenda Constitucional n.º 20, de 1998), é proibido qualquer trabalho aos menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos. No plano social, o trabalho precoce implica em danos à escolaridade e à condição de cidadania, pois representa uma violação aos direitos sociais humanos determinados na legislação, conforme a Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989); a Constituição Federal (Brasil, 1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1991), o que é reafirmado por Alberto (2002), quando refere que as causas do trabalho precoce estão relacionadas a múltiplas causas, entre as quais fatores sociais, políticos e econômicos.

Outros enunciados discursivos como os dos adolescentes Nascimento, Moicano, Cidrak, Progênio e Lopes referem o **abandono à escola** devido ao seu **envolvimento com atos infracionais**, (27,7%) foram os que narraram estas memórias, com destaque para os **turnos 14 e 15**:

12) *Você estudava antes da sua apreensão?*

R: Eu fui só uma vez, só, em 2007 pra sala de aula.

13) *Não estudou em 2008, nem em 2009?*

R: Não.

14) *Então me conta, por que você abandonou a escola?*

R: Mau amizade. Mau amizade... (= =).

15) *Mau amizade de quem?*

R: Assim, amizade dos... {-}, assim, eu via os caras ladrão, né, eu ficava a fim de me entrosar, né, eu ia pra escola, só pra bagunçá, só, depois eu comecei a seguir o mau caminho. Não quis mais sabê de escola (☺).

(Adolescente Nascimento/16 anos/Val-de-Cães/FUNCAP-Setembro de 2009)

Como podemos perceber, o desinteresse destes sujeitos pela escola é real e faz parte das estatísticas apresentadas por diversos órgãos e pesquisadores. Se esta escola está despreparada para lidar com a adolescência dita “normal”, imagina com a que está em conflito com a Lei?

2.1.2 O adolescente e suas relações interpessoais

Apesar das varias questões que suscitaram ao longo do texto, a questão da rede de relacionamentos que envolvem estes sujeitos dentro do ambiente educacional, sem dúvida, é uma das partes determinantes na formação das subjetividades destes adolescentes.

Como a escola é um espaço social de grande número de pessoas, é normal que aconteçam os conflitos. O que não pode ser comum é o desprezo em relação aos incômodos, pois esses devem ser trabalhados, a fim de tornar os sujeitos mais tolerantes com o seu próximo. A realidade é que a maioria das escolas não sabe o que fazer com os jovens que recebe, e surge, assim, uma dificuldade estrutural de dialogar com eles (GARCIA; MOREIRA, 2006). A cultura escolar entra em conflito com a cultura juvenil, e é natural que os alunos se sintam desestimulados, pois as trocas interpessoais são incessantes e permeiam todo e qualquer procedimento de aprendizagem.

16) *Já teve algum conflito com algum professor?*

R: **Já. Na 5ª série.**

17) *Qual motivo?*

R: **Porque ele queria mandar em mim, não queria deixar ninguém ir no banheiro, aí ele queria mandar já, aí ele não deixava, aí eu discutia com ele já (☹).**

18) *Teve algum problema entre vocês?*

R: **Teve, porque ele me suspendeu (☹).**

19) *Por quanto tempo?*

R: **Cinco dias só (☹).**

20) *Você ficou cinco dias de suspensão porque discutiu com o professor?*

R: **É. Era sempre assim.**

21) *Mas, qual foi a causa da discussão?*

R: **Eu chamei nome pra ele (☹).**

22) *Você chamou palavrão, e você achou que isso foi certo?*

R: **Não, mas ele também não tava certo.**

23) *Mas você achou que a suspensão foi justa?*

R: **Foi. Mas ele devia ser suspenso também (☹).**

24) *Por que você acha isso?*

R: **Porque ele errou também (☹).**

(Adolescente Cabral/17 anos/Val-de-Cães/FUNCAP-Setembro de 2009)

Para Silva (2006), a exemplo dos alunos considerados agressivos, os professores também manifestam sua agressividade por meio de diferentes formas de evasão, com seu desinteresse pelo

trabalho, acomodação, mudança de escola, abandono do emprego e até da profissão. Assim, a problemática da violência, que não é construto da escola, vai se deslocando de fora para dentro de seus muros e passa a ser tratada como incivilidade em vez de delinquência (PERALVA, 1997) e, muitas vezes, não encontra nos que compõe o corpo técnico-pedagógico da escola, nem nos professores, preparo suficiente para lidar com estas agressões.

2.1.3 O adolescente e a família

A família é o primeiro sistema social no qual o ser humano é inserido quando de seu nascimento. É por meio da família que o homem aprende a se subordinar à autoridade, que inicia suas relações sociais, e, a partir desse aprendizado, irá compor as demais interações que permearão suas vivências dentro e fora de casa. Assim, as relações familiares, sociais, institucionais estão estreitamente relacionadas aos resultados finais de avanços ou estagnações em processos de aprendizagem (GOUVEIA, 2003). Como observaremos no enunciado discursivo de Junior, a família parecia presente, sempre lhe chamava atenção, brigavam para que ele fosse à escola, porém, se analisarmos nas entrelinhas deste relato, esta era uma família ausente, não acompanhava de perto o filho na escola, onde as relações se restringiam a um jogo de faz-de-conta: “faz de conta que meu filho está na escola”, “faz de conta que ‘eu’ estou na escola para minha família”. Estes enunciados revelam a fragilidade na qual se encontra a relação aluno-família-escola. O aluno evade e ninguém se sente responsável por esta evasão.

25) *E a sua família lhe incentivava com relação à escolarização? Se você fosse ou se não fosse à escola, qual o significado deste fato para eles?*

R: Eles pegavam muito no meu pé, com esse negócio de escola, quando eu não ia eles ficavam muito chateados, quando eu era criança que eu não ia, a mamãe me dava porrada, pegavam muito no meu pé, depois eu fui crescendo e aquele controle que ela tinha acabou fugindo, aí eu acabei largando, né (☺).

26) *E quando você largou, o que sua família achou disso?*

R: Meu pai ficou muito chateado, minha mãe também, quando ela foi na escola e ficou sabendo que eu faltava mais de cinco meses sem tá na escola, ela ficou muito chateada (☹).

27) *E o que aconteceu?*

R: Não aconteceu nada, só ficou com raiva de mim, ficava falando que era pra eu voltar pra escola, me dando sermão, só que não resolvia em nada.

28) *Mas eles não te incentivaram a voltar?*

R: Incentivaram muito, só que já era tarde, um tempão sem ir pra escola, já era quase no final do ano, já tinha perdido umas e outras avaliação (☹).

(Adolescente Junior/17 anos/Val-de-Cães/FUNCAP-Setembro de 2009)

Os adolescentes têm um universo familiar, não são moradores de rua, mas foram influenciados de alguma forma a praticarem a delinquência. De certa forma, ocorreu um abandono dos filhos; dos alunos; possivelmente pelo afastamento dos pais para o mundo do trabalho, na luta pela sobrevivência: Com o crescente processo de urbanização e o empobrecimento da sociedade, nossas cidades se encheram de crianças e adolescentes que são abandonadas por famílias em estado de absoluto desespero (BECKER, 1994) e possivelmente, também, pelo despreparo da escola que não está conseguindo lidar com estes adolescentes “fora do padrão dito normal.”

29) *Sua família lhe incentivava a ficar na escola?*

R: (...) **(silêncio)**.

30) *Com quem você morava?*

R: Com meu pai uma vez... **depois no abrigo... depois na rua (⊗), (:::)**.

31) *Quando você morava com seu pai, ele te levava para a escola?*

R: **Eu ia sozinho, era perto lá de casa.**

(Adolescente Baby/13 anos/Val-de-Cães/FUNCAP-Setembro de 2009)

Podemos observar o abandono social que permeiam a vida destes adolescentes. Toda a rede: família, escola e Estado, que deveria dar suporte a estes sujeitos de alguma forma ‘falharam’ em não inserí-los em atividades que pudessem ajudá-lo a se perceber como partícipe da comunidade/sociedade da qual fazem parte.

2.1.4 O adolescente, a violência e a criminalidade

Falar de violência e criminalidade em nossos dias é, sem dúvida, muito doloroso. Hoje, fatos violentos, atos de vandalismos, entre outros, assolam nossas escolas muito mais que em décadas passadas (CARDIA, 1997). A violência presente nas escolas tem sido um dos problemas sérios que a escola enfrenta e tem que dar conta de responder à sociedade, já que esta acaba cobrando dela, uma posição sobre estes fatos.

Segundo Yamasaki (2007), as populações mais pobres acabam tomando a violência e a ilegalidade como meio de sobreviver, pois encontram nesse mundo do crime oportunidades e condições para ganhar a vida e viver socialmente. Os atos de violência podem estar relacionados à baixa qualidade de vida em que vivem muitos dos alunos que frequentam o ambiente escolar, principalmente os que estão nas escolas públicas (CARDIA, 1997). Segundo Candau (1999), uma forma de violência bastante visível hoje são as agressões físicas e verbais entre aluno(s)-aluno(s) e

aluno(s)-adultos. E isto é fato tanto na pesquisa do IBGE sobre saúde escolar em 2009, como na pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, quanto nos enunciados discursivos dos adolescentes Baby (Segundo) e Serra.

- 32) *Já brigou alguma vez na escola?*
R: *Só uma vez só que eu briguei com um menino de outra sala*
- 33) *Qual foi a situação?*
R: *Ele queria ser...(= =), queria fazer onda com nós lá.*
- 34) *Por quê?*
R: *Bobagem, aí eu já briguei com o moleque lá.*
- 35) *Qual era o motivo da onda?*
R: *Eu não sei não, tia, qual era o motivo não, sei que eles queriam fazer onda com a gente. E nós não gosta de onda, se é pra brigá, nós briga! (☺).*
- 36) *E você foi brigar com eles?*
R: *Foi, aí eu briguei.*
- 37) *Apanhou ou bateu?*
R: *Não, ninguém apanhou (☺).*
- 38) *Só bateram?*
R: *Foi. Cada um com um. Briga de igual.*
- 39) *Machucou alguém?*
R: *Não.*
- 40) *Foi machucado?*
R: *Não, só deixei sangue na boca do moleque. (☺)*
- (Adolescente Baby Segundo/16 anos/Val-de-Cães/FUNCAP-Setembro de 2009)*

Violência e adolescência estão sob múltiplas formas de análises, as quais temos que estar dispostos a compreender e refletir, pois à medida que conhecemos o emaranhado de traçados, disjunções e perdas de identidades destes adolescentes, poderemos traçar respostas importantes para se compreender e resgatar, mediante um pouco de tolerância e reflexão, os adolescentes perdidos nesta rede/trama dos atos infracionais, pois segundo o IBGE, 2009, “somente 1,8% dos adolescentes do Brasil estão sob alguma forma de ilegalidade perante a justiça brasileira”.

2.1.5 O adolescente e suas perspectivas futuras

Alguns adolescentes, aqui apresentados, apesar do contexto em que estão inseridos, trazem consigo seus sonhos, suas perspectivas e expectativas de uma vida mais digna e menos vulnerável, como qualquer outro mortal apresenta.

Ter um projeto de vida não significa que ele precisa ser grandioso, mas precisa ter um significado para quem o traça. Precisa ter valor para o sujeito, é isto que o leva para frente, que lhe dá direção, que o faz buscar, aprimorar-se e melhorar como cidadão e como pessoa. Dessa forma,

conhecer-se, saber o que a vida realmente significa e conhecer seus valores é de fundamental importância no planejamento do Projeto de Vida. Assim, a construção do projeto de vida, deverá estar assentado sobre o tripé família, educação e trabalho, com necessárias articulações para que o mesmo seja efetivo (PINTO, 2002). E a escola pode propiciar estes momentos de discussões e análises junto a crianças e adolescentes.

A maioria dos adolescentes entrevistados mostrou que deseja voltar à sociedade, agora não mais como internos da FUNCAP, mas como estudantes e trabalhadores. Deseja ter nova chance. Quer romper com esse processo, mas para tanto, é necessário haver engajamento institucional. É necessário articular todas as redes que permeiam a vida destes sujeitos para que a construção de seu projeto de vida tenha êxito.

Estes adolescentes reconhecem a importância da educação para o campo do trabalho. Depositaram grande importância na educação como forma de ascensão profissional, indicando os estudos como forma de realização de seus projetos, como nos enunciados discursivos de Barros e Serra, quando referem que gostariam de “Estudar, voltar a estudar, melhorar minha vida, pô, ficar por fora do negócio!” ou ainda “Só voltar a estudar mesmo, assim, consegui recuperar as coisas que eu tinha perdido, assim, por eu ter me afastado do colégio, ter perdido assim, o apoio da minha família, quando eu me afastei do colégio, comecei a me envolver nesses pobremas (☹)”.

Embora 92,5% dos adolescentes tenham relatado a intenção de continuar os estudos e trabalhar, sabe-se que a perspectiva de que estes projetos possam se realizar não dependem apenas de seus desejos pessoais, mas, sobretudo do amparo familiar, de condições socioeconômicas favoráveis e de uma escola atuante e preparada para lidar com a adolescência.

CONCLUINDO O PERCURSO... COMO TUDO TERMINOU...

Iniciar uma conversa para se concluir um percurso de pesquisa não é uma tarefa fácil. Não há começo absoluto ou ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis. Então, o que dizer depois de todas estas análises?

O estudo da Rede de Significados (2004), na perspectiva bakhtiniana, foi de suma importância para este estudo, pois nos remeteu à análise de que o desenvolvimento humano e a aprendizagem acontecem dentro de variados contextos. Dessa forma, o estudo revelou que dos 18 adolescentes entrevistados, 17 abandonaram o ambiente escolar. Quanto ao motivo do abandono à escola: 08

destes 17 adolescentes (47%) abandonaram a escola por falta de interesse, e 05 (29,4%) abandonaram a escola, além da falta de interesse, também por causa do trabalho, o restante abandonou a escola, por outros motivos (23,6%), como vimos no decorrer das análises realizadas.

Assim, Identificar os fatores que contribuíram para que estes adolescentes abandonassem o ambiente educacional de forma precoce, surpreendeu-me, pois, em alguns enunciados discursivos, eles se referiram às suas vidas escolares, pautadas por momentos de agressividades e de tranquilidades, de alegrias e decepções. Assim, as trajetórias dos sujeitos aqui analisados mostraram-se permeadas tanto de experiências negativas no ambiente educacional e pessoal, quanto positivas.

E caracterizar os conflitos que permearam a relação Escola/adolescentes e que foram relevantes para o envolvimento destes com a violência e a criminalidade, revelou que os adolescentes em estudo encontram-se em uma fase em que as propostas criminosas parecem ser muito mais atraentes, principalmente para aqueles que não têm perspectiva de futuro promissor, enxergando no crime a forma mais imediata de ascensão social e de poder.

Deste modo, discutir qual o comprometimento da escola na formação dos adolescentes em conflito com a Lei, levando em consideração o papel da escola na formação do sujeito, revelou também, que as instituições de ensino, ainda encontram-se despreparadas para absorver esta desestruturada parcela da população. Família, escola e sociedade, que no seu conjunto mantém-se inerte às dificuldades do educando, não conseguem reconhecer que o fracasso do aluno não é somente dele, mas é de todos nós. O estudo revelou que tanto a Escola quanto a Família se perdem na dimensão e na complexidade das relações sociais externas e internas que interferem no processo socioeducativo de crianças e adolescentes.

A escola demonstra-se despreparada, a família se sente incapaz e “apedrejada”, por isso se afasta, resiste, não conseguindo se manter como espaço onde se constrói relações sociais. Os laços são rompidos e onde esses adolescentes e essas crianças deveriam ser cuidados são abandonados ou colocados em segundo plano em razão da busca pela sobrevivência.

Os sujeitos desta pesquisa representam uma pequena parcela no total de adolescentes atendidos pela FUNCAP. Este é um trabalho que requer apoio e compromisso, pois dos 18 adolescentes entrevistados, 07 perderam suas vidas para a criminalidade, e 05 adolescentes: Barros, Serra, Baby, Almeida e Progênio fugiram das Unidades onde se encontravam cumprindo MSE de Internação. Segundo informações, não há notícias sobre estes desde suas fugas. O adolescente Lopes

ainda continua cumprindo MSE de internação, tendo acompanhamento psico-sócio-pedagógico. Os adolescentes Niel, Nascimento e Oliveira cumpriram suas MSE de Internação e progrediram para MSE de Semiliberdade. Após, progrediram para a MSE de Liberdade Assistida. Não há informações se estes adolescentes estão cumprindo esta nova medida, pois como esta é de responsabilidade do município, a FUNCAP não tem ingerência sobre ela. O adolescente Junior obteve encerramento de processo, voltando para o município de Tucuruí; desde então não houve mais contato com ele. O adolescente Ari também obteve encerramento de processo, foi morar com uma irmã no município de Salinas. Segundo informações de familiares ele voltou para as ruas e eles não têm contato com ele.

Muito ainda tem que ser feito pelas crianças e adolescentes de todo o país, pois o número dos que estão em conflito com a Lei poderá continuar a crescer caso continuemos a tratar o assunto de forma velada, como se o problema fosse apenas do Estado ou da FUNCAP, que, como executora, sempre é atacada pelos noticiários, pela comunidade e/ou sociedade como se fosse à única responsável por esta parcela da população. Certamente este não é um trabalho fácil, pois lidar com as questões que envolvem a Socioeducação é um desafio a cada dia, mas o trabalho está sendo realizado e é necessário novo olhar para efetivá-lo ainda mais. O meu se encerra aqui, por ora, na certeza de que outras vozes se entrelaçaram nestas análises, abrindo caminhos para novos diálogos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. **Erro e fracasso na escola**: alternativas teóricas e práticas. 2ª Ed. São Paulo: Summus, 1997.

ARROYO, M. G. **Escola coerente à escola possível**. São Paulo: Loyola, 1997 (Coleção Educação popular, nº. 8).

_____. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In: ABRAMOWICZ, A.; MOLL, J. (Orgs.). **Para além do fracasso escolar**. Campinas: Papirus, 1997. pp. 11-26.

_____. Experiências de Inovação Educativa: o currículo na prática da escola. In: MOREIRA, A. F.B. (Org.) **Currículo**: políticas e práticas. 3ª Ed. Campinas: Papirus, 1999.

_____. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992b.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão; revisão: Marina Appenzeller. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988a.

- BAKHTIN, M. **Écrits sur le freudisme**. Paris: L'Age D'homme, 1988b.
- BARROS, R. B.; PASSOS, E. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília, v. 16, n.1, 2000. pp. 71-79.
- BARROS, V. A. A função política do trabalho e a ordem social. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, 2005.
- BAZILIO, L. C.; KRAMER, S. **Infância, educação e direitos humanos**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- BECKER, D. **O que é adolescência**. 13ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. Trad. de Marco Estevão. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1994.
- BOSSA, N. A. **Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: DF, 1988.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal 8.069 de 23 de julho de 1990. Brasília: DF.
- CANDAU, V. M. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- CARDIA, N. A violência urbana e a escola. **Contemporaneidade e Educação**, v. 2, n. 2, set., Rio de Janeiro, 1997.
- COSTA, A. C. G. **Participar é preciso**. Ministério da Ação Social, Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência (CBIA). Rio de Janeiro: Bloch, 1990.
- COSTA, A. C. G. **Protagonismo juvenil: Adolescência, Educação e Participação Democrática**. Fundação Odebrecht, Salvador, 2000.
- _____. **Mudar o conteúdo, o método e a gestão**. Especial para a Folha de São Paulo, 29/07/2003. Acesso em: 28/01/2009.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.
- ECA. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Belém: CEDCA/SETEPS, 2005.
- ROSETTI-FERREIRA, M. C. *et. al.* (Orgs.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- FREITAS, M. P; SOUZA, S. J; KRAMER, S. (Orgs). **Ciências Humanas e pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção questões da nossa época, v. 107).
- FREITAS, M. T. A. Nos textos de Vygotsky e Bakhtin: um encontro possível. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. <http://www.fgv.br/> Acesso em: 17/04/2009.
- GARCIA, R. L.; MOREIRA, A. F. (Orgs.). **Currículo na Contemporaneidade: incertezas e desafios**. [Traduzido por Silvana Cobucci Leite, Beth Honorato, Dinah de Abreu Azevedo]. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- IBGE. Censo Brasília, 2007. www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticia. Acesso em: 18/12/2009.
- IBEG/DATASUS e Fundação da Criança e do Adolescente – FUNCAP/ Núcleo de Planejamento e Orçamento da NUPLAN, 2007. *site: http://www.pdf4free.com*. Acesso em: 18/12/2009.

IBGE. www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticia. Acesso em: 18/12/2009.

MORIN, E. **O método: o conhecimento do Conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 1986.

RELATÓRIO DE PESQUISA. **Levantamento da Situação de Trabalho Infanto-Juvenil em Escolas de Belém/Pa**/Movimento República de Emaús-mre. Entro de Defesa da Criança e do Adolescente-CEDECA- Universidade Federal do Pará - UFPA. Belém, 2009.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

VOLPI, M. A ação do governo federal na defesa dos direitos da criança e do adolescente. In: ROCHA, P. E. Rocha (org.). **Políticas públicas sociais: um novo olhar sobre o orçamento da União - 1995/98** Brasília: Instituto de Estudos Sócio-econômicos, 1999.

_____. (Org.). **O Adolescente e o ato infracional**. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Sem Liberdade, Sem Direitos: a experiência de privação de liberdade na percepção dos adolescentes em conflito com a lei**. São Paulo: Cortez, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança**. Porto Alegre: Artmed, 1996b.

_____. **Formação social da mente**. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pensamento e linguagem**. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000 (Original publicado em 1934).

YAMASAKI, A. A. **Violências no Contexto Escolar: um olhar freireano**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: FEUSP, 2007.

¹ PIMENTEL, A. (Org.). **Universo adolescente: escarpelamento, drogadição, violência, agressividade, subjetividade**. Belém: Centro de Desenvolvimento da Adolescência, 2007.

² Interpretações destas dadas pelo senso comum e que muitas vezes não mostram o real sentido de nossa juventude. Uma leitura que poderá nos ajudar nesta linha de análise é o artigo de Edson Passetti: **Cartografias de violência**. Revista Serviço Social & Sociedade. N. 70. Ed. Cortez. Julho, 2002, e o livro de Fernanda Bocco: **Cartografias da Infração Juvenil**. Porto Alegre: ABRAPSO SUL, 2009.

³ Fonte: <http://www.fgv.br/>. Acesso em: 17/04/2009.

⁴ Fonte: ibge.gov.br/home/presidencia/noticia. Acesso em: 18/12/2009.